Páginas abertas

Agroanalysis apresenta o ranking das cem maiores empresas do agribusiness brasileiro, em trabalho exclusivo e de publicação tradicional. Os resultados ratificam expectativas do quadro macroeconômico do País, no tocante ao crescimento setorial e as vendas externas, onde a produção de grãos, carnes e fibras têm sido o núcleo dinâmico. Daí as suas empresas mostrarem melhor desempenho em relação à média das 500 maiores empresas, principalmente aquelas voltadas às exportações.

O exercício de 2003 segue no diapasão do ano anterior, e o desempenho do agronegócio avança mais alguns pontos. Uma ótima constatação. Sem dúvida alguma, ali está uma das principais fontes de renda e liquidez a irrigar a economia. As preocupações iniciais, concernentes à administração da economia pelo novo Governo Lula, foi de maneira gradativa se dissipando. O compromisso prioritário de segurar a inflação, com firme controle orçamentário, é um remédio amargo a curto prazo, mas traz benefícios no futuro.

Mesmo com todo esforço de reter a expansão monetária, em termos de recursos, a dotação de R$ 32,4 bilhões para o sistema nacional de crédito rural realizar o capital de giro na safra 2003/04, contra R$ 25,86 bilhões no ano anterior, significou a mostra clara da atenção das autoridades governamentais para com o agronegócio. O campo revitalizou ainda mais sua alta energia, fruto também das recentes comercializações, com todas as condições para conseguir mais uma colheita recorde. Hoje, depende muito mais do bom humor e de uma leve colaboração de São Pedro.

Com a valorização do preço da terra no horizonte pós-cenário de 1998, junto com a expansão da área cultivada, emergem mais argumentos em pról do bom momento vivido pelo setor agropecuário. As entregas de fertilizantes mais uma vez crescem e deverão encerrar o exercício em quantidade recorde. Nas vendas de tratores e colheitadeiras, os negócios fechados poderiam ser bem maiores, caso não houvesse contenção dos recursos do Moderfrota, porém as exportações continuam com muita força.

Existem algumas atividades que enfrentaram dificuldades. O milho da safrinha encontrou dificuldade de comercialização nas regiões mais interioranas, agravadas pela deficiência na rede de armazenamento. Os locais onde a produção mais cresce são justamente aquelas onde carecem unidades para retenção do produto de modo a escoá-lo sem pressionar a oferta e deprimir os preços. A suinocultura também esteve frente a um ambiente adverso, com preços não remuneradores e criadores deixando a atividade. O quadro estaria mais crítico sem o aumento das exportações.

A edição traz também artigos sobre duas cadeias produtivas que estão em intensa movimentação para a conquista do mercado. No algodão, se assiste o esforço exportador diante da conjuntura internacional, com cotações e demandas firmes. Os subsídios praticados na política agrícola norte-americana à cotonicultura é um problema, pois desenvolve uma competição artificial e desleal para com a produção brasileira. O Brasil manifesta a sua discordância no painel da Organização Mundial do Comércio.

Já no leite e derivados, as projeções de crescimento parecem sustentadas pelo potencial de consumo existente, tanto no mercado interno como no externo. Os índices vigentes ainda são bem modestos, e há muito espaço para ser ocupado. O consumo per capita de sucos e refrigerantes, bem como as estratégias mercadológicas formuladas para as sua vendas, precisam ser analisados e implementados nos produtos lácteos. Na parte de custo e qualidade, os ganhos de produtividade e as mudanças nos processos de captação acontecem e tendem a avançar.

Quando se olha o panorama mundial da produção animal, principalmente no período pós 1999, dá-se conta da força com que o Brasil passou a participar na produção e exportação. Nesse interregno, no ranking dos embarques, o país passa a ser líder na pecuária de corte, sustenta a segunda colocação em aves e a terceiro na suinocultura.

Se a estrada é difícil, há muito pouco para se discordar. O processo de modernização do setor primário e a constituição das cadeias produtivas deram mais força para o agribusiness brasileiro. Essa mudança trouxe para o País outro status competitivo e permitiu-lhe projetar no cenário internacional de alimentos, fibras e energia renovável. Com os apertos de liquidez externa, o Brasil encontrou no agronegócio uma fonte segura de divisas e inserção mundial. E deve mantê-la de maneira estratégica. ■